



JOÃO ANTÔNIO: ARQUIVO LITERÁRIO COMO FONTE DE MEMÓRIA

SILVA, Telma Maciel da (UNESP/ Assis)¹

RESUMO: Há quase dez anos, a UNESP, *campus* de Assis, vem abrigando o acervo do escritor João Antônio. Nesse tempo, diversas pesquisas foram realizadas visando a análises também diversas acerca da obra do autor de *Malagueta, perus e bacanaço*. Grande parte do acervo é composta de documentos cuja primeira organização foi feita pelo próprio contista. A estes se juntam aqueles que foram doados por amigos – como é o caso de parte da correspondência ativa; outros foram, a exemplo de parte da fortuna crítica do escritor, recolhidos por estudiosos na imprensa brasileira em geral. Um dos traços mais recorrentes nesse imenso manancial de pesquisa é, certamente, o aspecto memorialístico, não só no que diz respeito ao escritor, mas também no que concerne à memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Correspondência; memória; João Antônio.

RESUMEN: Hace casi diez años la UNESP/Assis abriga el acervo del escritor João Antônio. A lo largo de ese tiempo, diversas investigaciones científicas fueron realizadas que, a su vez, también objetivaron análisis diversos sobre la obra del autor de *Malagueta, perus e bacanaço*. Gran parte del acervo es compuesta de documentos cuyo primer ordenamiento fue hecho por el propio escritor. A estos originales se juntan aquellos que fueron regalados por amigos – como es el caso de parte de la correspondencia activa –, otros fueron, a ejemplo de parte de la bibliografía crítica sobre el autor, recopilados de manera general por estudiosos en la imprenta brasileña. Un de los rasgos más recurridos en ese inmenso universo de investigación es sin duda el aspecto memorialístico, no simplemente en relación con el escritor, sino en lo que se refiere a la memoria colectiva.

PALABRAS-CLAVE: Correspondencia; memoria; João Antônio.

INTRODUÇÃO

Visitar o Acervo João Antônio é se deparar com coleções bastante diversificadas. Nelas, caminham juntas, indissociáveis, a história do país e a figura humana do escritor. Um exemplo bastante relevante dessas coleções que o Acervo abriga é a imensa quantidade de cartas recebidas ao longo de mais de quarenta

anos por João Antônio. São milhares de missivas que, certamente, no futuro, ajudarão a contar a sua história de vida, bem como de seu tempo.

Vale dizer que grande parte da correspondência encontrada no Acervo João Antônio ainda não tem autorização para pesquisa; portanto, encontra-se inviolada, respeitando-se, assim, as leis que regem essa questão. Todavia, há algumas cujos remetentes já autorizaram a abertura e, por isso, já estão em fase de análise.

A correspondência trocada entre João Antônio e o amigo de longa data, Jácomo Mandatto, é uma dessas coleções. Venho trabalhando com esse *corpus* desde a iniciação científica, quando organizei os documentos doados por Mandatto e apresentei alguns dos aspectos que me pareceram mais relevantes. Agora, no doutorado, analiso as cartas do ponto de vista literário, uma vez que muitas delas apresentam características análogas – no que concerne à linguagem e à temática – aos textos literários do contista de *Malagueta, perus e bacanaço*.

Irei, portanto, deter-me com mais profundidade na análise das missivas trocadas entre Mandatto e João Antônio; porém, também apresentarei outros documentos do acervo, que não compõem o meu *corpus* específico de pesquisa, mas que são bastante significativos para a relação que pretendo estabelecer neste trabalho.

Dentre os documentos que vou apresentar, estão: uma pequena amostra da coleção da revista *Realidade*, na qual João Antônio foi colaborador; exemplos de livros autografados, dedicados ao contista; trechos da agenda telefônica; livros da biblioteca pessoal etc.

“FRAGMENTOS DE CARTAS, POEMAS, MENTIRAS, RETRATOS, VESTÍGIOS DE ESTRANHA CIVILIZAÇÃO...”

Em “Futuros amantes”, conhecida canção de Chico Buarque, temos um eu-lírico que aconselha, ironicamente, a amada: “Não se afobe não, que nada é pra já...”. No trecho que dá título a esta parte do trabalho e que também compõe a canção, encontramos elementos de acentuada importância para a discussão aqui empreendida. Nos primeiros versos, estamos em um ambiente bastante íntimo, pessoal e, num crescendo, somos levados a uma atmosfera mais “histórica”, culminando com os “vestígios de estranha civilização”.

O arquivo pessoal é, assim, uma espécie de mina de ouro para os “escafandristas”, tomado aqui como sinônimo de pesquisador que está preocupado tanto com a vida “miúda”, representada pelo dia-a-dia amoroso, por exemplo, quanto com os vestígios de uma civilização estranha e desconhecida.

A correspondência trocada entre João Antônio e Mandatto – à parte o fato de compor os documentos mais “pessoais” do escritor – liga-se muito mais aos aspectos “históricos” do que propriamente aos íntimos. Isso ocorre porque estamos diante de uma cor-

respondência, no mais das vezes, bastante pragmática, já que trata, em sua grande parte, das questões relacionadas à divulgação e “badalação” dos trabalhos empreendidos pelo contista.

Um dado interessante acerca da amizade entre João Antônio e Mandatto é que esta foi iniciada por meio das cartas, sendo o contrário o mais usual, ou seja, a amizade ser a fagulha da correspondência. Aqui, entretanto, essa verdade não é obedecida, fazendo-se os correspondentes amigos, justamente, por meio das cartas, e levando anos até que viessem a se conhecer pessoalmente.

Iniciada em 1962, essa correspondência explícita, por exemplo, o impacto que a implantação do regime militar teria sobre a vida e carreira de João Antônio. Nas cartas escritas às vésperas do golpe, o vemos um tanto perdido, sem entender direito os acontecimentos. Em carta de 3 de março de 1964, ele desabafa: “Velho, quanta complicação, correria, susto e que tais”. Adiante, o autor acrescenta:

João Antônio, que mui infelizmente não dormia com nenhuma mulata, ouviu tudo nos seus chinelos e pijama. Quando viu que o barulho não era de coisa nenhuma, foi pra cama outra vez. Ler “O Vampiro de Curitiba”, última publicação de literatura de cordel de Dalton Trevisan. Depois, fez uma carta esculhambando o Dalton. Esse negócio de literatura de cordel publicada pela tal Oficina Gráfica da Papelaria Requião é alta e profunda frescura provinciana. O negócio é publicar pela única editora digna do país: a Civilização Brasileira. E ele pode. Então, esculhambação nele. (03/03/1964).

Nesse excerto, vemos vários aspectos importantes, seja no que tange à memória pessoal do contista, seja naquilo que toca a questão da memória coletiva. De início, o ambiente é estritamente íntimo, simbolizado, inclusive, por palavras como “chinelo” e “pijama”, que dão a dimensão da condição de certo alheamento a que João Antônio se colocava diante dos episódios políticos do momento.

A seguir, João Antônio fala do livro que estava lendo e, assim, surge Dalton Trevisan, autor do recém lançado *O vampiro de Curitiba*, obra da qual trataria em muitas outras missivas. A forma como o contista fala do escritor paranaense é importante não apenas para identificarmos as suas preferências literárias do início de carreira, mas, principalmente, porque toca também na questão do mercado editorial. Como vemos, a editora Civilização Brasileira é, para João Antônio, a referência editorial do momento e ele faz questão de afirmá-la sempre que possível. O trecho se torna, assim, uma espécie de auto-elogio, já que ele próprio acabara de publicar a sua primeira coletânea por essa editora.

Há momentos, contudo, em que o autor se mostra bastante confessional. No início da correspondência, quando tinha pouco mais de vinte e cinco anos, isso se dá de maneira um tanto curiosa. Nessa época, mais do que nas outras, quando fala de aspectos pessoais, o vemos sempre relacioná-los às suas aventuras amorosas, algumas vezes, dando detalhes picantes e, de certo modo, também engraçados. Vejamos:

Agora, descansando um pouco de escrever, tenho fornicado e bebido bem. Sexta-feira, por exemplo. Desde sexta, que ninguém me botava os olhos em cima. À tarde de sexta, fui para a casa de uma mulher a fim de uma linda fornicção espúria como demanda o figurino dos hipócritas; depois, fui à casa de outra e a seguir, me dirigi à casa da terceira. Descarreguei meus potenciais animalescos muito ecleticamente: uma negra, uma mestiça nissei e uma loira oxigenada. De onde se conclui que, mesmo estando em São Paulo, consigo copular em vários idiomas, em três continentes vários e em várias posições camais. A cama, Jácomo, é sem dúvida alguma, uma grande descoberta estética e confraternizadora dos países. (08/06/1964).

É claramente perceptível, aqui, a intenção de João Antônio em mostrar a sua virilidade. Conta vantagens desbragadamente e fala das suas amantes de maneira irônica, tornando-as apenas objeto de expressão da sua masculinidade.

Ainda que os dois últimos trechos citados tratem de aspectos bastante diferentes entre si, podemos encontrar uma pedra de toque entre os dois, qual seja, o desejo de João Antônio em se afirmar. Se no primeiro temos a asseveração da editora Civilização Brasileira como a mais importante do país – o que, por derivação, o torna também uma figura de destaque, uma vez que tinha acabado de lançar seu primeiro livro por ela –, no segundo, a questão se dá de outro modo, mas o desejo ainda é o mesmo, o de atestar a sua potência e, por conseguinte, o seu valor.

Há aí, também, um retrato de uma época, uma vez que a masculinidade figura como um símbolo de força, obtendo, assim, uma valoração muito positiva. Daí em diante, não é difícil associar esta questão ao modo de João Antônio (e de muitos outros de sua época) se referir à grande literatura como aquela que era “literatura de macho” ou, ainda, “escrita com os culhões”.

Em trabalho intitulado *Gênero e poesia em João Cabral*, Marta Peixoto (2004) transcreve fragmentos de uma entrevista do poeta pernambucano. Há um trecho que nos interessa especialmente:

Nota-se até um certo preconceito com relação a uma suposta qualidade afeminada não só da poesia lírica tradicional mas de seus praticantes. Numa entrevista de 1989, Cabral afirma que não gosta de ser chamado de poeta: “Você imagina logo aquele cara com uma cabeleira grande, uma gravata *cavaliere*, um sujeito irresponsável, talvez até homossexual...” (PEIXOTO, 2004 p. 387).

Fica patente, assim, a importância para João Antônio, como homem e escritor de seu tempo, de se afirmar como “macho”, o que contribuía para a construção de uma imagem esperada por seu meio de atuação.

Ainda no ano de 1964, o autor volta a falar de suas aventuras sexuais. Entretanto, dessa vez, faz uma associação direta com os rumos políticos do país, que experimentava seus primeiros meses sob o governo militar.

Mas o João Antônio que, além de pobre é imbecil, continua. Teimoso, amarrotado, desejando a mulher, as filhas, as netas e as parentas próximas e remotas dos outros. Dormindo na gandaia, acordando na gandaia, fiel componente dos puteiros remanescentes da prostituição que em São Paulo já existiu. A RUPA (Rondas Unidas da Primeira Auxiliar) se incumbiu cruelmente de massacrar a prostituição, o jogo, as virações e as malandragens em geral. É. Conteí tudo isso, descarnado e cru, violento e real, lá na minha última novela "Paulinho Perna Torta", um grandíssimo filho da puta, cretino, megalômano e infeliz que criei. E que Ênio Silveira terá os culhões de publicar numa antologia (de que já falei) denominada "Os dez Mandamentos". (13/10/1964).

Nesse fragmento, alguns aspectos chamam a atenção. De início, vemos que o autor fala de si e de suas aventuras, mas o seu foco principal, percebemos no fim, é a publicação de sua novela *Paulinho Perna Torta*. O elemento subjetivo, portanto, não se funde apenas ao histórico, mas também ao literário, pois a história, em seu aspecto geral e restrito, é utilizada como forma de introduzir a apresentação da novela. E, no trecho final, mais uma vez surge a virilidade, aqui, como uma afirmação quase animalesca de expressão de força e coragem.

A situação político-cultural brasileira é sempre tema das cartas de João Antônio a Jácomo Mandatto. Continuamente indignado, o escritor reclama ao amigo sobre os rumos do país, ora dando ênfase à situação geral da nação, ora abordando a sua própria, na condição de escritor dentro da conjuntura nacional.

Em carta de meados de 1980, o autor de *Dedo-duro* conta ao amigo que havia sido hospitalizado. Narra, então, os momentos difíceis, mas sempre buscando dar-lhes uma conotação política:

O que sofri, Jácomo? Sei lá. Ninguém sabe. Um aviso do organismo? O coração, o pulmão, o sangue, tudo está bom. Tensões, revoltas internas, nojo, saco cheio com a situação geral, alguma estafa, é isso que tenho: a consciência do fardo pesado que havemos de carregar neste país que não é dirigido nem pela direita. É uma canalhocracia que nos dirige (leia-se: nos taxa, nos explora, nos arranca a pele). (01/07/1980).

Essa postura do contista pode ser encontrada durante toda a correspondência. Entretanto, ela se radicaliza ainda mais nos primeiros anos da década de noventa, que compreende o período final de troca epistolar entre os amigos. Nem durante a ditadura militar João Antônio se mostraria tão descontente como o vemos durante a chamada "era Collor". Vejamos trechos de duas das últimas missivas:

Copacabana, ano bissexto, primeira sexta-feira treze, 60º aniversário de José Mojica Marins, cineasta criador de Zé do Caixão. Segundo aniversário do Desastre Collor, pulha e pior desgoverno da história da "República" (entre aspas, pois, capitania hereditária não é república). É a república das Bruzundangas. (sem data, ano de 1992)

Em carta de setembro do ano seguinte, lemos:

Este é o país que maltrata e mata seus filhos talentosos antes do tempo: Noel Rosa, Mário de Andrade, Lima Barreto, Castro Alves, Glauber Rocha, Geraldo Pereira...

Quem não se enfia na política ou no alto funcionarismo (sic) público está lascado. Enfim, dão-se bem os PULHAS, OS PIOLHOS E OS PARASITAS. BRUZUNDANGAS. (17/09/1993).

Os anos noventa representam, certamente, o pior período da carreira do contista. Ao contrário da década anterior, quando ele publicou livros importantes como *Dedo-duro* e *Abraçado ao meu rancor*, e viajou pelo país e pela Europa, discutindo e divulgando a literatura brasileira, agora ele se via sem editora, com seus livros esgotados e com um ritmo de produção bastante inferior àquele experimentado nos anos setenta e oitenta.

É certo que em 1992, ganharia ainda um prêmio Jabuti, com a coletânea *Guardador*, e nos anos seguintes publicaria *Dama do Encantado* e *Sete vezes rua*. Todavia, nenhum desses volumes chegava a apresentar um caráter de ineditismo, já que abrigavam textos que, em geral, já haviam sido publicados, seja em jornal, seja em outro canal.

A “decadência” do país, em particular, da área cultural, reflete e muito no escritor, que não parece apresentar mais o mesmo vigor de antes. Em sua correspondência, o vemos ainda mais crítico; entretanto, não enxergamos aquela mesma garra, que o fez viajar o país e o mundo a fim de promover seus trabalhos nas décadas anteriores. Em 1996, provavelmente vítima de um enfarte, ainda sem completar sessenta anos, João Antônio morreria em seu apartamento, apelidado carinhosamente de “falso mirante de Copacabana”, o que, de certo modo, prova que ele tinha razão: “Este é o país que maltrata e mata seus filhos talentosos antes do tempo”.

DESVÃOS

Realidade e memória

Nessa parte do trabalho, apresentarei alguns outros tipos documentais que compõem o Acervo João Antônio. Assim como nas cartas, veremos que estes também são significativos, seja para uma leitura de memória pessoal do escritor, seja para a investigação do momento histórico vivido por ele.

Dada a grandeza do acervo, seria impossível apresentá-lo aqui em sua totalidade, uma vez que abriga centenas de coleções, o que significa milhares de documentos. Dentre estas, destaco as mais importantes: biblioteca pessoal, biblioteca de livros

autografados, coleções de artigos de jornal (composta por textos de e sobre o escritor), correspondência, coleção de discos de vinil, coleção da revista *Realidade* etc.

Como sabemos, João Antônio fez parte da importante equipe da revista *Realidade*. Nascida em 1966, a famosa revista da Editora Abril se tornaria um marco no jornalismo brasileiro:

Criada em 1966, em plena revolução da sexualidade e introdução da pílula anticoncepcional, e dirigida por Paulo Patarra, REALIDADE fazia sucesso com um jornalismo baseado na reportagem social, na discussão crítica da moral e dos costumes, mostrando um Brasil real, em profundas transformações. Era também um jornalismo com ambições estéticas, inspirado no *new journalism* norte-americano, numa técnica narrativa baseada na vivência direta do jornalismo com a realidade que se propunha relatar. Vendia tiragens crescentes que chegaram a 400 mil exemplares. Apesar de pertencer ao grupo empresarial Editora Abril, REALIDADE já funcionava internamente como redação alternativa. (KUCINSKI, apud AZEVÊDO FILHO, 2002).

Os textos do autor de *Leão-de-chácara* começariam a ser publicados no ano seguinte, 1967. Segundo Azevêdo Filho (2002), 1968 foi o ano de maior participação de João Antônio no órgão, publicando textos bastante significativos em sua carreira e que, posteriormente, ganhariam edição em livro. A atuação do contista em *Realidade* seria encerrada ainda naquele ano, com a mudança do escritor novamente para a cidade do Rio de Janeiro.

Da coleção de *Realidade* encontrada no arquivo pessoal de João Antônio, destaco a edição de junho de 1968. Não apresentarei, aqui, nenhum texto do escritor, uma vez que todos já foram amplamente estudados e são facilmente encontráveis em livros como *Casa de loucos* (1975), *Malhação do Judas Carioca* (1975) etc. Pretendo expor, portanto, trechos da revista em que encontraremos aqueles aspectos memorialísticos sobre os quais venho discutindo aqui.

Na capa dessa edição, temos os seguintes títulos: “Milton Ribeiro no Vietnam: Guerra é assim”, “Documento: aborto no Brasil”, “O trágico mundo dos loucos”, “Sensacional: como se faz um milagre” e, por fim, a matéria de capa: “Eles tinham uma missão: morrer – foram kamikazes, vivem hoje em São Paulo”.

Como podemos perceber, a guerra é um tema que está bastante em voga naquele momento. Das matérias principais, duas tratam do assunto, sendo que a primeira aborda a questão do conflito no Vietnam, do qual o repórter Milton Ribeiro, correspondente de *Realidade*, havia saído ferido. Já a matéria de capa retoma a Segunda Guerra Mundial por meio de entrevistas com kamikazes “frustrados”, que viviam, naquela época, em São Paulo.

Dado o pouco tempo de apresentação, não é possível aqui fazer uma análise mais detalhada dos textos. Todavia, esta não é necessária, já que somente seus títulos já nos remetem a um ambiente bastante revelador no que diz respeito ao acervo pessoal como fonte de memória, também, coletiva.

Somente com a descrição da capa da revista, já somos capazes de reconstruir todo um universo histórico-social, em que a Guerra do Vietnam está na pauta do dia, mexendo com a cabeça das pessoas e se tornando assunto em diversos ambientes e meios sociais.

Ainda com relação à *Realidade*, temos outros aspectos muito interessantes, tais quais as peças publicitárias que compunham a revista. Dentre estas, destaquei uma que me chamou a atenção em especial. Trata-se de uma propaganda do "Fusca", em que o veículo da Volkswagen é associado à figura feminina. A peça é construída com uma foto de vários "fuscas" parados em frente a uma escola, sendo que em um deles, o que aparece em primeiro plano, há uma mulher abrindo a porta para uma menina. Abaixo da foto, segue a frase "Ainda dizem que mulher não entende de carro". Mais adiante, lemos um texto maior, em que, entre outras coisas, está escrito que mulher pode não entender da parte mecânica do carro, mas sabe que o "Fusca" é, por exemplo, o mais econômico.

Representante de um jornalismo que buscava acompanhar as mudanças do Brasil, tal qual afirmou Kucinski em trecho já citado anteriormente, *Realidade* expressa essa premissa também em suas peças publicitárias. Certamente, representava uma inovação fazer uma propaganda de carro voltando-a totalmente ao público feminino. Em busca daquele novo público, ou seja, as mulheres de classe média, que a cada dia se mostravam mais emancipadas economicamente, a Volkswagen investe em um tipo também inédito de publicidade. Há, aí, outro elemento importante: o indício de que a revista como um todo também é direcionada às mulheres, já que, não fosse assim, a propaganda não teria a sua razão de ser.

Para encerrar essa discussão acerca da *Realidade*, trago, a título de curiosidade, um trecho de carta ao leitor, encontrado no mesmo número da revista. Trata-se de um texto de Anatol Rosenfeld, hoje afamado estudioso de literatura, em que ele discute, ao que tudo indica, uma matéria publicada no número anterior sobre pesquisa acerca de democracia racial e a comunidade judaica. Rosenfeld termina, afirmando que o preconceito contra os judeus não pode ser separado daqueles que se manifestam contra os negros, os protestantes, os "turcos", os "baianos" e contra quaisquer grupos.

Livros e memória

A biblioteca pessoal do escritor está dividida, basicamente, em duas partes: os livros autografados e os demais. Nesta primeira coleção, organizada

pela Pesquisadora Renata Ribeiro de Moraes, encontramos títulos de centenas de autores contemporâneos a João Antônio, alguns dos quais amigos íntimos, como Ary Quintella, Jácomo Mandatto, Wilson Bueno etc.

As dedicatórias que destaquei para apresentar aqui são bastante curiosas. A primeira delas é de Jorge Amado, no livro *O menino grapiúna* (1981). Ao autografar seu livro, o autor de *Capitães de areia* grafa o seguinte: “Para João Antônio, de premiado a premiado, o abraço amigo d’O MENINO GRAPIÚNA, o velho Jorge Amado – Brasília (ilegível) novembro”.

Desse modo, temos, de início, a informação, ainda que imprecisa, de que ambos os autores tinham sido premiados, provavelmente em algum concurso literário. Nos documentos do Acervo, encontrei apenas uma carta em que João Antônio se refere a um certame ganho por ele na capital do país. Trata-se do Troféu Candango, prêmio nacional que o escritor recebeu com a coletânea *Dedo-duro*. Ainda que não tenha se referido ao autor baiano, é provável que tenha sido no evento de premiação que tenha recebido o *Menino grapiúna*, já que a data da carta, enviada a Mandatto, é 12 de dezembro de 1983, portanto bem próximo ao mês constante no autógrafo.

A outra dedicatória que escolhi foi escrita por Clarice Lispector em seu volume *A imitação da rosa*. Nessa, temos um texto bastante curioso: “A João Antônio, que não é tão troglodita como pensa, e em quem tenho fé. Abraço de Clarice. Rio 31 de março de 1977”.

Aqui, encontramos alguns elementos referentes à imagem pública do contista. Clarice faz uma referência explícita e bastante franca ao imaginário criado em torno do nome de João Antônio, que, tido como autor da marginalidade, do submundo, acabou por se confundir com suas personagens. A escritora, assim, acaba por fazer um elogio meio às avessas, afirmando que sua “fé” nele estava, justamente, naquilo que ele não aparentava ser.

As duas dedicatórias, portanto, apontam para questões diferentes, mas nos dão informações importantes, seja sobre a carreira do autor de *Abraçado ao meu rancor*, seja sobre a sua imagem perante seus pares. Na primeira, João Antônio aparece como escritor premiado, enquanto na segunda, é a sua imagem de boêmio e malandro que irá ganhar relevância.

Para Ana Maria Domingues de Oliveira (2006), estaria aí a grande “contradição” da carreira do escritor. Ou seja, se por um lado, temos a imagem de um homem boêmio e marginal, por outro, vemos em seu acervo a figura de um arquivista cuidadoso e bastante organizado. Contudo, a estudiosa adverte que esta pode ser uma falsa contradição, uma vez que

tal aparente contradição é fruto de uma convicção de João Antônio de que seria necessário construir, ao longo de sua vida, uma personagem fundamental, nuclear: a do escritor. Para compor essa personagem, utilizou-se das imagens que povoam nosso imaginário, quando se pensa na figura do intelectual, sobretudo nos tempos vividos por João Antônio. (OLIVEIRA, 2006 p. 210).

Os dois autores, portanto, a seu modo, trabalham com imagens verdadeiras, isso se entendermos essa “verdade” como sendo uma construção do escritor. Talvez aqui pudéssemos lembrar do que Ângela de Castro Gomes (2004) nos ensina em seu texto de abertura do livro, organizado por ela, *Escrita de si, escrita da história*. A autora discute o conceito de verdade nas produções autobiográficas e alerta que, na escrita de si – e entendo o Acervo João Antônio como uma espécie de escrita de si –, a veracidade dos fatos não mais importa: o que interessa, sim, é a ótica pela qual estes são narrados.

Uma agenda de memórias

Um dado muito importante nessa discussão acerca do aspecto memorialístico, e da maneira como ele se dá no Acervo João Antônio, é a consciência de posteridade expressa pelo autor. Seja em suas entrevistas, seja em diversas cartas, o contista sempre se mostrou ciente da importância de sua obra, principalmente após a sua morte. A construção desse acervo é, portanto, fruto dessa certeza cultivada desde o início da carreira e, ainda, da militância do autor para que isto se concretizasse.

João Antônio, desse modo, guardou com zelo e competência de arquivista exemplares tudo aquilo que considerou importante para a construção dessa imagem futura. Priscila Fraiz (2000), em artigo intitulado “Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema”, aborda o tema da construção autobiográfica por meio do arquivo pessoal. Vejamos:

Da ótica dos profissionais dedicados ao tratamento arquivístico desse tipo de acervo, chama a atenção certo material que, de imediato, torna o arquivo Capanema diferente da grande maioria dos chamados “arquivos pessoais”. Trata-se de documentos de autoria do titular referentes ao planejamento e à organização do próprio arquivo e, secundariamente, à classificação adotada para a sua biblioteca particular. É raro que um arquivo pessoal chegue a uma instituição de memória com algum arranjo e ordenamento prévios, determinado pelo próprio titular, por colaboradores ou mesmo por familiares; mais incomum ainda é encontrar um tipo de material que reflita e revele alguma ordem original ou primitiva, que possa dizer *do* arquivo e *sobre* o arquivo. (FRAIZ, 2000 p. 74, grifos da autora).

Essa “admiração” expressa por Fraiz é, de certa forma, a mesma que um pesquisador do Acervo João Antônio experimenta ao se deparar com o nível de organização prévia desse arquivo. Além de colecionar todos os artigos sobre sua obra a que teve contato, deixando-os organizados por data e periódico, o escritor organizou, ainda, o percurso de sua correspondência, deixando-nos uma espécie de guia, de mapa dos tesouros, em que podemos encontrar, provavelmente, uma listagem quase completa de sua troca epistolar.

Esse “mapa dos tesouros” é um caderno de correspondência em que João Antônio anotava as cartas recebidas e enviadas, além do assunto, do material remetido etc. Ali, encontramos, ainda, uma listagem de endereços, que permitirá que futuramente parte significativa das missivas remetidas por ele sejam recuperadas para estudo.

É verdade que esta agenda tinha uma função mais imediata, ou seja, permitir ao escritor que mantivesse a sua correspondência em dia, além de controlar a devolução de documentos que emprestava aos amigos por meio do correio. Entretanto, o próprio João Antônio admite aquela outra função da qual eu vinha falando, a de que o caderno de endereços poderia ser também um guia para futuros pesquisadores:

Em 21 de julho de 1981, ele escreve a Mandatto:

Tenho cartas por aí que não acabam mais. Você cata, aqui em casa, meu fichário preto de endereços e recolhe as minhas cartas, que são uma infinidade e andam espalhadas pelo Brasil todo. Você se entende, também, com um grande e velho amigo meu, de Belo Horizonte: Manoel Lobato [...].

Acho que escrevi mais cartas do que outra coisa na vida. E você, paciente do jeito que é, fique incumbido disso se eu apagar a vela [...].

Temos, assim, uma agenda que, ao nos oferecer aspectos múltiplos de memória, torna-se uma espécie de caleidoscópio, cujas nuances vão depender da forma como a olharmos. É um documento memorialístico em vários aspectos, uma vez que não só revela os dados explícitos contidos neles, mas também reforça ainda mais a imagem de João Antônio como um guardião e hábil construtor de sua memória pessoal.

PALAVRAS FINAIS

Os diversos documentos apresentados aqui revelam as também diversas facetas do contista João Antônio. Mais que isso, explicitam a relação que este mantinha com seu tempo e como buscou construir, de um lado, a imagem de malandro e boêmio, enquanto, por outro, mostrava-se um hábil e responsável militante e arquivista de tudo que se relacionasse à sua obra.

Como vimos, tais imagens não são tão antagônicas como parecem, já que compõem estratégias que se dão em campos diferentes na vida e carreiras de João Antônio. Quem sabe pudéssemos aproximar a figura do contista à do camaleão, aquele animal que se tinge de cores locais para fugir ao perigo oferecido por seu meio. Com uma ressalva de que, aqui, o processo, às vezes, seja o oposto, já que o camaleão busca sempre se esconder, enquanto o escritor almejava justamente o contrário, aparecer, o que o fazia, muitas vezes, realçar suas diferenças.

NOTAS

- ¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação da UNESP - Assis. Linha de pesquisa: Arquivos da memória: fontes e periódicos literários e culturais brasileiros. Bolsa: FAPESP

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. De Malagueta, perus e bacanaço. In: *Malagueta, perus e bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 73-103.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-23.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. João Antônio, profissão escritor. In: PETERLE, Patrícia et al. (Orgs.). *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: UNESP, 2006.

PEIXOTO, Marta. Gênero e poesia em João Cabral. In: SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Orgs.). *Historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 380-389.